

## MISSÃO DAS ACADEMIAS

(Discurso de posse na presidência da Federação das Academias de Letras do Brasil, em 14.3.1990)

*Antônio de Arruda*

O Padre Vieira, em um de seus mais famosos sermões, o Sermão da Sexagésima, nos ensinou que todo sermão deve ter um tema - e um só tema. Tudo o que constar do texto deve convergir para o tema: nenhuma digressão será admitida se for estranha ao tema ou não servir para esclarecê-lo.

Esse ensinamento de Vieira se aplica a qualquer exposição. Qual seria, pois, o tema adequado para este discurso? Obviamente, tratando-se da posse na diretoria de uma instituição acadêmica, o tema não poderia ser outro senão a própria academia, ou melhor, as academias encaradas genericamente e, em particular, esta Federação. O tema será então, dividido em duas partes: em primeiro lugar, falarei a respeito da missão das academias e depois acrescentarei algo acerca desta Federação e do que para seu desenvolvimento pretende realizar a diretoria que hoje toma posse. Vejamos a primeira parte do tema.

Em conferência proferida na Academia Carioca de Letras, no ano passado, nosso confrade José Eduardo Pizarro Drummond fez o elogio do Acadêmico Heitor Moniz, falecido há pouco tempo. Entre outros fatos interessantes a respeito do homenageado lembrou Pizarro que ele, no fim da vida, se tornara alérgico a discurso. Moniz deixou de frequentar sua academia porque já não suportava fazer nem ouvir discursos.

Uma academia sem discursos, eis a que em última análise chegaríamos se adotássemos a orientação de Moniz. Seria evidentemente algo impensável, pois as academias vivem num mundo de palavras - e não é apenas com elas que isso ocorre. Certa vez, o pintor Degas, em conversa com Mallarmé, disse a este que fizera diversas tentativas para escrever um soneto, sem conseguí-lo. "Faltam-me idéias" - lamentava-se Degas.

Ao que Mallarmé ponderou: - "Mas a poesia não se faz com idéias faz-se com palavras".

Também o Professor Ernesto de Oliveira Junior, recentemente

falecido, grande amigo, geômetra, mais que geômetra, um pensador, em uma de suas constantes lucubrações, comentou comigo: - "Tudo na vida são palavras. Veja a Geometria Euclidiana. A partir de uns poucos axiomas, Euclides construiu toda a sua Geometria. Que é isso? São palavras - concluiu o Professor".

- Palavras e idéias - aduzi eu.

Naquele momento, acudira-me o diálogo entre Degas e Mallarmé. Pois, quando Mallarmé afirmara que a poesia se faz com palavras, não se referia a palavras desconexas, senão a palavras compondo idéias e imagens. Ou melhor, elaborando mensagens, para usar um dos ingredientes básicos da Teoria da Comunicação.

Essa é, pois, a primeira missão das academias que, por destino e acordo entre seus integrantes, se transformam em um laboratório de idéias. Suas atividades se processam mediante livre debate, com disciplina intelectual, é certo, mas através de normas oriundas do consenso.

E tudo o que nas academias se faz deve convergir para o florescimento das letras que se pretende harmonioso e sempre em busca de um ideal de beleza e perfeição.

Esse ideal só o atingem alguns privilegiados. Outros mortais ficam longe desse objetivo maior, permanecendo na mediania, em todo o caso procurando algum liame com a posteridade. Machado de Assis, com a habitual ironia, retratou essa tendência no Dom Casmurro, na pessoa daquele jovem que Bentinho, o personagem - narrador do romance, conhecera no Seminário que ambos frequentaram. Esse moço publicou então um opúsculo, O Panegírico de Santa Mônica, que foi lido e comentado pelos colegas. Ora, por mais virtuosa que tenha sido a genitora de Santo Agostinho, sua vida não forneceria material religioso ou literário suficiente para uma obra de vulto. Bentinho se esqueceu do folheto, não assim o autor. Este deixou o Seminário, casara, deixou as letras mas não o seu Panegírico, que passou a distribuir pela vida fora. Naquele insignificante volume bissexto, o autor concentrou o maior cuidado, agarrando-se a ele para fugir ao anonimato.

Não devemos condenar essa aspiração que muitas vezes reflete uma necessidade interior de expressão, que procura traduzir-se em algumas das formas de criação literária ou artística. E aqui entra a segunda missão das Academias, qual a de atrair essas vocações, oferecendo-lhes ambiente adequado para desenvolver suas potencialidades. Com esses estímulos, muitos dos convocados poderão ir além do panegíricos de Santa Mônica ou outros semelhantes e produzir algo de mais valor.

Por outro lado, entre os conflitos com que cada um de nós se defronta, no plano existencial, há um que sobleva aos demais. É que, à medida que os anos passam, quando amigos e companheiros vão deixando vácuos cada vez mais frequentes em torno de nós, a finitude da vida se nos apresenta de maneira insofismável. Aí então, muitas pessoas se tornam desamparadas e confusas, procurando apoio nos divãs dos analistas ou refugiando-se na hipocondria. Em verdade, esses aflitos se esquecem de estender os olhos para um pouco além do pequeno círculo em que se movem suas preocupações egocêntricas. Se olharem para os lados, é possível que encontrem pessoas necessitadas de ajuda e que lhes poderão dar o ensejo de cultivar aqueles sentimentos que Vitor Pauchet, um antigo escritor francês, chamou de azuis - o amor, a solidariedade, a amizade. E aí os dardivos é que seriam os mais beneficiados, porque afastariam de si os sentimentos vermelhos, ainda na classificação de Pauchet, isto é, a indiferença, o egoísmo, a inveja, o ódio, que envenenam o sangue de seus portadores.

Essas pessoas se esqueceriam também de seus pequenos problemas se contemplassem com mais atenção para o espetáculo do mundo e para as surpresas que ele oferece, como por exemplo aqueles "milhões de sóis a divagar no espaço" de que falava Gonçalves Dias no antológico poema A Noite. Só que hoje se sabe que não são milhões mas bilhões de sóis - e em cada galáxia. Essas e outras maravilhas que quase sempre nos passam despercebidas é que compõem o cosmo que o filósofo Heráclito concebeu como algo em movimento, em constante mudança, que ele resumiu no famoso aforismo: nenhum homem pode atravessar duas vezes o mesmo rio porque ou muda o homem ou muda o rio. Sim, tudo muda, mudamos todos e ninguém melhor descreveu essa mudança do que Guerra Junqueiro, na dedicatória que colocou no pórtico de seu livro A Musa em Férias. Nessa poesia admirável, Junqueiro comparou a vida a um sol galgando uma montanha, que tem a aurora como berço e o ocaso como túmulo. No início, sonhos e esperanças, isto é, colibrís que povoam as regiões da alvorada mas que fogem quando a neve cai sobre a nossa estrada. E o sol da vida, ao declinar, faz-nos parar na encosta da colina e volver para trás o olhar plangente. Diz o poeta:

Para trás, para trás, para os tempos remotos,  
Tão cheios de canções, tão cheios de embriaguez,  
Porque, ai! a juventude é como a flor do lotus,  
Que em cem anos floresce apenas uma vez.

Certo, a juventude só floresce uma vez e depois fenece. Mas talvez possa renovar-se como as laranjas dos antigos quintais cuiabanos

que, abandonadas no pé, ainda maduras, secavam ao frio de junho e julho para reverdecerem e adocicarem com as chuvas de setembro. Assim também nós, sujeitos a transformações inevitáveis, já na descida da colina, sob os rigores do inverno, poderemos manter a juventude do coração, se soubermos apreciar as maravilhas que nos rodeiam, expungindo os males que porventura nos assolam, se enfim nos convenceremos de que nada há que supere essa coisa tão simples e ao mesmo tempo misteriosa que é viver.

Viver e principalmente conviver. E aí está a terceira grande missão das academias, que é a de promover o conagraçamento das pessoas ligadas pela afinidade do espírito. É uma convivência amistosa que nelas se instala, em torno de idéias e ideais comuns. É um sentimento tão forte que mesmo indivíduos sabidamente retraídos são às vezes levados ao convívio acadêmico. Foi o caso de Machado de Assis que a si mesmo se chamou caramujo encorujado, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e seu presidente enquanto viveu, tendo participado com desvelo de todas as atividades da Instituição. Aliás, a própria gênese da palavra revela a tendência para o banquete das idéias, pois academia provém de *Academo*, nome de um herói ateniense, em louvor do qual a terra que lhe pertencia foi transformada em jardim. Surgiu desse modo o Jardim de *Academo* que teria provavelmente desaparecido sem deixar memória não fosse uma circunstância que o celebrizou. É que nesse Jardim Platão reunia seus discípulos e com eles discreteava. Foi desse discretear e desse ilustre exemplo que o termo academia e o significado então adquirido chegaram até nós. Foi um dos momentos mais brilhantes da cultura ocidental. Pois nele também pontificou Sócrates com seus diálogos que o mesmo Platão registrou em livros imortais. A esse processo pedagógico desenvolvido por Sócrates se chamou *maieutica*, literalmente parto das idéias. A expressão não é muito elegante, mas constituiu a origem da dialética, que modernamente Hegel retomou com sua famosa tríade das idéias - tese, antítese, síntese - e que Karl Max perfilhou, mas já numa feição materialista, abandonando o idealismo hegeliano.

Fato semelhante a esse ocorreu com o modelo das academias atuais, a Academia Francesa, que a princípio fora apenas um círculo íntimo para discutir literatura e acontecimentos sociais, que mais tarde, em 1634, Richelieu institucionalizou.

As academias em geral são uniformes, com integrantes pertencentes a uma só região. Mas aqui temos uma academia diferente, com abrangência maior, porque seus membros são oriundos de todo o País. Suponho que seja uma inovação brasileira, sem dúvida original.

Como nasceu esta instituição? Imaginemos o Rio de Janeiro de 50 e poucos anos atrás, uma cidade verdadeiramente maravilhosa que pelos seus encantos atraía brasileiros de todos os rincões, cidade que lhes ditava a moda e os modismos, inclusive no falar, imitado por muitos dos que para aqui vinham. Ora, entre os forasteiros, havia os intelectuais que se irmanavam com os da terra e daí surgiu a idéia de congregar esses afeiçoados da literatura numa espécie de academia das academias. Assim, em 1936, nasceu esta Federação, por iniciativa de uma plêiade de escritores, liderados por Othon Costa e outros então filiados à Academia Carioca de Letras. O nome adotado - Federação - lembra o regime vigente no Brasil, e como as academias estaduais seriam consideradas fundadoras, fornecendo cada uma delas três membros, em princípio, o nosso confrade Paulino Jacques a denominou com muita propriedade o Senado das letras nacionais.

Mas não me cabe agora rememorar a história desta Casa. Desejo apenas ressaltar o papel que desempenhou em sua criação o Desembargador José de Mesquita, um dos mais entusiastas e incentivadores da nova agremiação. José de Mesquita que fora um dos fundadores da Academia Mato-grossense de Letras, em 1921, e seu Presidente nos anos restantes de sua vida, achava-se em plena maturidade intelectual, quando foi convocado para o conclave que criou a Federação. Já havia publicado, entre muitos outros, o livro de contos Espelho d'Alma, premiado pela Academia Brasileira de Letras, e o ensaio De Livia a D. Carmo, em que analisou as mulheres na obra de Machado de Assis, arrolado com realce entre os estudos machadianos.

Esta Federação tem contado ainda, desde seu início, com a participação de outros escritores mato-grossenses, como Virgílio Corrêa Filho, que já exerceu sua presidência, Cesário Prado, Amarílio Novis, que se destacaram como membros atuantes por muitos anos consecutivos. Atualmente, a Academia Mato-grossense de Letras é aqui representada pelo Acadêmico Wilson Oacyl Bodstein e pelo que ora lhes fala.

Quanto a mim, já frequentei esta Casa, quando vim de mudança para o Rio de Janeiro, nos começos dos anos 60, a convite do confrade Cesário Prado que me lembrou a circunstância de ser eu membro nato da Federação, como Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras. Findo o mandato na presidência da minha Academia, deixei de participar dos trabalhos da Federação. Retornei a ela em 1982, por designação do confrade Lenine de Campos Póvoas, então como agora Presidente da Academia Mato-grossense. Assim, após oito anos de atividade, vejo-me alçado à presidência da Casa.

Não pleitei esta função nem mesmo a desejava, preferindo continuar a servir a Instituição em outros encargos menos penosos e por isso mais condizentes com a minha idade. Só aceitei a investidura em face do princípio de que honraria não se pede mas não se recusa.

Minha preocupação estava e ainda está no fato de que o Acadêmico Adelmy Cabral Neiva é um desses homens a quem se sucede mas que ninguém pode substituir. Esta sutileza semântica já se tem apresentado em outras ocasiões, pois suceder é uma contingência do cargo ou da função: o ocupante sai e o outro assume a vaga. Já substituir é algo mais complexo, porque tem em vista a atuação do antecessor e a responsabilidade daquele que vem depois.

No caso, Cabral Neiva é insubstituível pelo que já realizou nos dois mandatos que foi chamado a exercer. No mandato anterior, entre outras iniciativas oportunas, teve a feliz idéia de promover a reforma dos Estatutos da Federação para que, além dos delegados das Academias Estaduais, fossem também admitidos representantes de outras Academias de Letras, Centros de Cultura, Letras e Artes ou entidades análogas, tidas como associadas. Foi um impulso extraordinário que essa medida imprimiu à nossa agremiação, com a entrada de novos elementos, ampliando as atividades já existentes e concorrendo para que as sessões se tornassem mais vibrantes e proveitosas. Após sua primeira presidência e decorrido o interregno de dois anos, voltou o Presidente Cabral Neiva ao posto, por eleição de seus pares, para o biênio que ora termina, sempre com o mesmo entusiasmo, dinamismo e diuturna dedicação a esta Casa.

O que caracteriza o Presidente Cabral Neiva é a pugnacidade sobretudo quando convencido de que seu combate é por uma boa causa. Advogado militante, está sempre disposto a defender os oprimidos e não mede sacrifícios para que se alcance a verdadeira Justiça. Candidatou-se já por duas vezes à presidência da Ordem dos Advogados do Brasil, secção do Rio de Janeiro, mas entrou nessa pugna como anticandidato, sabendo de antemão que não poderia vencer o grupo que ali domina há muito tempo.

Trata-se de um grupo minoritário semelhante aos que se instalaram em associações de classes e outras inspiradas por ideologias radicais e que vencem por meio de pressões, violência e às vezes até pela fraude. Pois Cabral Neiva ousou invadir aquele recinto de intolerância em que se transformou a OAB e o fez exclusivamente com o objetivo de pregação democrática e dos valores sempre ligados à nacionalidade brasileira. Campanhas desse tipo são comuns nas atividades do Presidente Cabral Neiva, quer em suas lides jornalísticas, quer em toda

a sua vasta produção literária, tudo isso desdobrando-se em vários aspectos e refluindo para esta Federação, que se beneficia desse intenso labor.

Cabem agora algumas palavras a respeito da programação com que, seguindo a praxe aqui adotada, apresentei-me à eleição do plenário e que delineia a ação da presidência no próximo biênio. Esse programa contém 10 itens, mas vou focalizar apenas alguns deles que me parecem essenciais.

Iniciei com a fórmula "continuidade com aprimoramento". Já que não posso substituir o Presidente Cabral Neiva, pareceu-me que dar prosseguimento à sua fecunda administração será a melhor maneira de atender aos interesses desta Federação. Isto porque as instituições como os indivíduos não podem parar e aqui se ajusta um postulado da aprendizagem: o verdadeiro discípulo não é o que simplesmente repete, mas o que continua - envolvida na continuidade a idéia de evolução - nem é bom discípulo o que decora lições mas cria um método. É o que me cumpre fazer e o farei, dentro das possibilidades.

Outra medida proposta é a inclusão nas sessões de uma "Hora Literária", à semelhança da "Hora Artística" já existente. Claro, a literatura é intrínseca aos propósitos da Federação e nesta se efetiva por diversos meios, como por exemplo pelas palestras e pelos estudos acerca de acontecimentos históricos ou de vultos eminentes, brasileiros ou engenheiros. O intuito pretendido foi colocar a matéria literária como centro das preocupações habituais da Casa. Assim, em cada sessão, deverá haver um tempo destinado à exposição de um trabalho acadêmico - conto, crônica, resenha de um livro - com que os confrades inscritos para esse fim concorram para o enriquecimento cultural de todos.

Outra proposição se refere ao ressurgimento da Revista da Federação. Uma revista é fundamental para as instituições ligadas à cultura, como instrumento vivo de suas atividades. Urge, pois, reativar nossa tradicional Revista que, apesar das dificuldades do empreendimento, poderá ser sustentada financeiramente com a contribuição dos próprios colaboradores, que custearão o espaço correspondente aos respectivos trabalhos.

O programa apresentado prevê também convites a personalidades eminentes da literatura e das ciências sociais para proferirem conferências na Federação acerca de assuntos de interesse geral.

A idéia é realizar, em sessões extraordinárias, exposições e debates de temas da atualidade, não só os que dizem respeito à organização política do País, mas também a problemas conjunturais

prementes, como a educação e a saúde. Desse modo, a Federação poderá desenvolver estudos úteis e apresentar sugestões que possam talvez servir a pessoas ou órgãos incumbidos da solução dos problemas debatidos.

Enfim, outra proposta que me pareceu viável é a de estímulo à publicação de livros dos confrades, mediante entendimentos com instituições que possam apoiar a iniciativa. A Federação está credenciada para solicitar auxílio para a publicação de trabalhos de seus integrantes junto a entidades ou mesmo a empresas privadas que para isso se disponham valer-se dos incentivos da chamada Lei Sarney. Assim, a Federação, no uso de suas prerrogativas, poderá obter esses benefícios com maior probabilidade de êxito do que se a iniciativa partisse dos acadêmicos, individualmente.

É hora de terminar. Mas antes, mencionarei uma dúvida que me tem assaltado, às vezes, e se resume numa pergunta: - Para que escrever?

A dúvida não é só minha e a mesma indagação serviu, por exemplo, como ponto de partida para Eduardo Frieiro compor seu delicioso livro de ensaios *A Ilusão Literária*. A pergunta seria dirigida a um hipotético aprendiz de escritor para dissuadí-lo da carreira das letras e ele poderia responder: - "Para quê? Para nada". Mas, acrescentaria, é justamente esse nada, essa ilusão literária que alimenta a raça dos imaginativos, livre e pródiga, que prefere a fantasia a uma realidade e acha que a vida convém ser... escrita. Frieiro concorda que tudo isso é ilusão, porém é a mais preciosa de nossas ilusões e exprime o prazer de falarmos de coisas que nos são gratas.

Na verdade, para a minha pergunta, particularmente, venho encontrando repostas convincentes, traduzidas em diversas manifestações de estímulo que tenho recebido ao longo dos anos. E neste mesmo instante recolho mais uma prova de que minhas dúvidas são improcedentes, pois vejo aqui velhos e novos amigos, alguns vindos de longe, a honrar-me com suas presenças, a incentivar-me com sua solidariedade. Esta sessão me lembra uma outra realizada em 1952, em homenagem a José de Mesquita e a que ele próprio chamou a "Festa da Amizade". Em agradecimento aos discursos que então lhe fizemos, Mesquita proferiu uma bela oração em que distinguiu a amizade das chamadas relações, pois, segundo ele, a verdadeira amizade não contém eiva de interesse nem comporta ressentimentos. E verdadeira amizade é a que verifico nesta afetuosa manifestação de apreço que ora recebo.

Diante disso, mais uma vez desfaço as dúvidas anteriores e concluo que posso e devo prosseguir nesta afanosa, ainda que obscura, tarefa de criação literária que venho mantendo. E possa eu um dia afinal,

ao término da jornada, repetir com Fernando Pessoa:

Valeu a pena? Tudo vale a pena.  
Se a alma não é pequena.

Ao pensamento contido nesses versos admiráveis ousarei acrescentar que tudo vale a pena quando há outras almas não pequenas que recebem nossas mensagens e as compreendem e apreciam.